

Editorial v10n1

Sofia Sampaio, Rui Lopes, Arlindo Horta, Patrícia Sequeira Brás e Tiago Fernandes

Com este número, inauguramos o décimo volume da *Aniki* e entramos no décimo ano da sua publicação. A *Aniki* nasceu no contexto de reorganização de um campo interdisciplinar dedicado aos estudos de cinema e dos média em expansão que, desde 2010, encontrou na então jovem Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (AIM) um dos seus principais motores. O primeiro editorial apresentava-a como a “primeira revista académica digital portuguesa que se dedica exclusivamente ao cinema e não só”, inscrevendo-a num entendimento de revista académica (sem grande tradição, nestas áreas, em Portugal) que pugna pela publicação de “textos inéditos” e, no caso dos ensaios, pela avaliação científica dos mesmos através de uma “dupla revisão cega por pares” (Editores 2014, 1).

Ao longo destes anos, a *Aniki* adquiriu um regulamento; reforçou práticas editoriais, em linha com orientações internacionais sobre conduta ética na publicação; apurou o fluxo de trabalho, nele integrando (dentro dos recursos disponíveis) serviços profissionais de apoio informático, assistência editorial e revisão de texto; e procurou incluir-se em bases de dados internacionais. Vale a pena dizer que o recurso mais precioso (e mais limitado) de que a revista dispõe é o tempo dos seus editores, que, operando num regime voluntário sem exclusividade e, muitas vezes, num quadro de instabilidade laboral ou institucional, procuram dar resposta adequada ao rol de solicitações e exigências que a edição de uma revista deste tipo necessariamente comporta. Acresce que o trabalho editorial nem sempre é valorizado (ou mesmo reconhecido) por quem avalia docentes e investigadores. Como pode a investigação ser valorizada sem que as revistas científicas o sejam é, para nós, uma incógnita.

Dez anos após o seu lançamento, a *Aniki* apoia-se cada vez mais em submissões espontâneas (e não em autores convidados, como sucedeu no início), no contributo de peritos internacionalmente reconhecidos

para a organização dos seus dossiers temáticos, numa rede alargada de avaliadores externos, e num Conselho Consultivo que integra alguns dos nomes mais importantes da nossa área de estudos. Autores, editores convidados, avaliadores e consultores são os fundamentos a partir dos quais a *Aniki* se pretende construir e afirmar como uma revista internacional de referência.

A propósito destes últimos, aproveitamos para dar as boas-vindas aos novos membros do Conselho Consultivo Robert Stam (New York University, Tisch School of the Arts, EUA), Valeria Camporesi (Universidad Autonoma de Madrid, Espanha), Dina Iordanova (University of St Andrews, Reino Unido), David M.J. Wood (Universidad Nacional Autónoma de México, México), e Patricia Zimmerman (Ithaca College, EUA) que, ao aceitarem o nosso convite, vêm dar mais força e confiança a este projecto.

No centro deste número temos o dossier temático “Imersão e experiências de recepção expandidas”, da responsabilidade de Victor Flores (CICANT, Universidade Lusófona, Portugal), Susana S. Martins (IHA, NOVA-FCSH, Portugal), e John Plunkett (Universidade de Exeter, Reino Unido), com quatro ensaios que prometem estimular a reflexão e a investigação sobre este pertinente tema. A imagem que os editores-convidados escolheram para a capa foi-nos gentilmente cedida por José Bértolo (*Iceberg*, série ZOOM, 2021).

A secção ‘Ensaios’ é mais extensa do que o habitual, com cinco artigos originais, em parte refletindo o crescente número de submissões de elevada qualidade. Para além de expandir o aparato de conceitos relevantes para o estudo da imagem em movimento (da espectralidade à voz não-fonocêntrica), estes artigos exploram um conjunto de obras de ficção e não-ficção pautadas pela sua diversidade, quer temática, quer de origem histórica e geográfica. Dedicando especial atenção a aspectos como o género (no duplo sentido que o termo tem em português) ou a relação entre som e imagem, estes estudos refletem sobre o que o cinema é, o que foi, o que pode ser e até – no caso do artigo sobre os projetos não-rodados de Manoel de Oliveira – sobre o que poderia ter sido. Nos próximos dez anos, esperamos manter este nível de análise e curiosidade, alargando-o cada vez mais, para além do cinema, a outras formas de imagem em movimento.

Na secção ‘Entrevistas’, publicamos uma entrevista realizada por três investigadores brasileiros ao diretor de fotografia (e operador de câmara) britânico Laurie Gane, que colaborou com alguns nomes

importantes do cinema experimental, em particular sobre o período em que trabalhou com cineastas brasileiros exilados em Londres, no início da década de 1970. Esta é uma secção aberta em permanência, e espera continuar a acolher – como até aqui – conversas realizadas por investigadores da área com as mais diversas personalidades deste vasto campo de estudos. São sobretudo breves peças de história oral, onde é possível dar voz concreta às pessoas que mais diretamente trabalham com imagens e sons, seja do ponto de vista da autoria, seja do ponto de vista da elaboração técnica ou mesmo do estudo, distribuição e arquivo destas imagens e destes sons.

Na secção das recensões, Alexandra João Martins propõe uma recensão sobre *A Hipótese Cinema – Pequeno Tratado sobre a Transmissão do Cinema Dentro e Fora da Escola* de Alain Bergala, recentemente reeditado pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, no âmbito da coleção Plano Nacional das Artes dirigida por Paulo Pires do Vale. Na sua astuta leitura, Martins identifica uma interessante aproximação teórica entre Bergala e Jean-Louis Schefer e Serge Daney, Jacques Rancière, e Gilles Deleuze. Já no livro *História do Cinema: Dos Primórdios ao Cinema Contemporâneo*, coordenado por Nelson Araújo, Tiago Ramos reconhece a tentativa de colmatar a ausência de uma publicação portuguesa acerca da arte cinematográfica em geral; no entanto, identifica também alguma dissonância na forma como o volume está organizado entre movimentos cinematográficos, como a Nouvelle Vague, e movimentos definidos exclusivamente por um critério geográfico. Por sua vez, Fátima Chinita dá-nos a conhecer *Theatre Through the Camera Eye: The Poetics of an Intermedial Encounter* de Laura Sava, defendendo tratar-se de uma importante contribuição para o estudo da relação intermedial entre cinema e teatro. Por fim, Lígia Maciel Ferraz comenta a coletânea de ensaios *Domestic Labor in Twenty-First Century Latin American Cinema*, organizada por Elizabeth Osborne e Sofía Ruiz-Alfaro. Citando outros autores, inclusive Deborah Shaw, Ferraz defende que a variedade de filmes analisados no livro demonstra a pertinência do trabalho doméstico como “novo género temático”. A doméstica tem sido sobre-representada no cinema latino-americano pois é uma figura que evidencia a intersecção de sistemas de opressão e de identidades sociais, incluindo classe, “raça” e género. Nos próximos anos contamos continuar a publicar recensões de publicações nacionais e internacionais sobre temáticas diversas e eminentes nos estudos cinematográficos e da imagem em movimento. Para tal, divulgaremos com regularidade, no site da revista, a lista dos títulos que as editoras nos disponibilizaram. Quem

tiver interesse em escrever recensões desses livros ou de outros igualmente relevantes deve contactar-nos.

Por fim, a secção ‘Exposições e Festivais de Cinema’ propõe um itinerário crítico pela exposição “Excesso Chamalo”, de Marie Losier & David Legrand, apresentada na 30^a edição do Festival Curtas de Vila do Conde, ressaltando os aspetos formais dos filmes selecionados e a relação entre o suporte e espaço expositivo. No segundo ensaio desta secção, é proposta uma reflexão crítica da instalação “Enigmas de uma noite com *Midnight Daydreams* (da série Dream Stations)” de Ana Maria Tavares, particularmente acerca da relação entre conceito e materialidade audiovisual. Após um período de pandemia, em que as exposições e festivais de cinema registaram uma forte queda em número de eventos e de espetadores, é esperado que esta secção conheça um momento de expansão, continuando a contribuir para uma permanente reflexão crítica, devidamente estruturada e imparcial, sobre as exposições e os festivais, nacionais e internacionais, que suscitam problemáticas atuais e merecem que as sujeitemos a uma análise formal e conceptual das suas singularidades.

Citando (com as devidas adaptações) o poeta e cantor José Afonso, restanos formular um desejo: “Venham mais dez”!

Referências

- Editores. 2014. “Editorial #1”. *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* 1(1): 1-7.